

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
O Cinema e Conrad, Conrad e o Cinema  
1 e 15 de Abril de 2025

## NAUFRAGIO / 1977

*um filme de Jaime Humberto Hermosillo*

Realização: Jaime Humberto Hermosillo / Argumento: José de la Colina e Jaime Humberto Hermosillo, baseado em *Tomorrow*, de Joseph Conrad / Fotografia: Rosalío Solano / Montagem: Rafael Ceballos / Música: Joaquín Gutiérrez Heras / Som: Javier Mateos / Cenários: Salvador Lozano / Com: José Alonso (Miguel Angel), María Rojo (Leticia), Ana Ofelia Murguía (Doña Amparo), Carlos Castañoón (Gustavo), Guillermo Gil (Hernández Pimentel), Manuel Ojeda (médico), Martha Navarro (Chefe das enfermeiras), Blanca Torres (Aurelita), Farnesio de Bernal (Don Benito), Emma Roldán, Evangelina Martínez, Sergio Molina, Magnolia Rivas, Alma Levy, Banimir Zogonick, Roberto Gerhard, Max Kerlow, Ricardo Fritz, Patricia Zepeda, Armando Pacheco, Maria Guadalupe Delgado, Cecilia Leger.

Produção: Conacine Uno e DASA Films, S. A. (México, 1977) / Produtor: Carol Reed / Cópia: em DCP, cor, legendada eletronicamente em português / Duração: 95 minutos / Estreia comercial: / Primeira exibição na Cinemateca.

---

Cinéfilo convicto, Jaime Humberto Hermosillo estudou cinema na Cidade do México e realizou a sua primeira longa-metragem, **La verdadera vocación de Magdalena** em 1971, em que se revela um cinema assente num retrato irónico de uma classe média mexicana, em que sobressaem questões de sexualidade e de foro moral e um cineasta que, na década de setenta, se afirmou como um dos grandes representantes do chamado movimento do “Novo Cinema Mexicano”, tendo obtido reconhecimento dentro e fora do seu país.

O cinema que começa a desenvolver neste período oscila entre a produção mais independente e a de cariz mais industrial, desenvolvendo em ambos os campos uma obra provocadora que crítica que desconstrói os clichés da sociedade mexicana. Como escreveu Francisco Sanchez em *Hermosillo: Pasión por la Libertad*, “Num mundo normal os heróis de Hermosillo consideram-se desenquadrados. Não apenas porque alimentam sonhos, desejos e pensamentos em desacordo com os as leis da decência e do que é bem visto, mas também porque se sabem portadores de defeitos físicos (...) Sentem-se feios, são inseguros e talvez estejam complexados (...) O esperado filho-marinheiro de **Naufragio** não tem um braço (...)”

Sucedendo a **La pasión según Berenice** (1976), uma das obras mais importantes de Hermosillo, à semelhança de outro filme que o realizador realizou no mesmo ano (**Las apariencias engañan**, 1977), **Naufragio** é uma variação sobre um familiar

desaparecido, cujo regresso tem consequências inesperadas. Baseando-se em *Tomorrow* – uma das histórias da colectânea “Typhoon” publicada em 1903 por Joseph Conrad – **Naufragio** é uma adaptação muito livre do universo conradiano ao ponto de não ser habitualmente creditada, em que o porto inglês na transição para o século XX se transforma na Cidade do México nos anos 1970 e o reformado capitão da marinha da história original se transforma numa personagem feminina, uma empregada de escritório que vive obcecada com o regresso do filho, marinheiro que há muitos anos partiu para o mar numa volta ao mundo. Doña Amparo há muitos anos que espera por Miguel Angel transmitindo a sua obsessão à jovem amiga que com ela partilha o apartamento e que mais tarde conhecerá o filho.

Como se escreveu neste exaustivo programa dedicado a Conrad, citando o realizador, o que mais atraiu Hermsillo no argumento foi “não se dar o ponto culminante do melodrama convencional, ou seja, o encontro entre a mãe doente e o filho tão longamente ausente. É um melodrama sem concessões, irritante.” Transgredindo os clichés de um modo de vida de uma classe média através de um olhar irónico sobre a mentalidade dos mexicanos face à sexualidade e ao desejo, Hermsillo transgride também os clichés do melodrama.

Cineasta com uma postura no mínimo original, quando lhe perguntaram no jornal *Libération* em 1987 porque filmava, descrevendo todo o processo da solidão da escrita do guião à vertente mais colectiva da rodagem e da posterior projecção, respondeu: “Para um temperamento tímido e solitário, o cinema representa a única possibilidade de estabelecer comunicação com um número considerável de pessoas (...) Depois, graças a essa cerimónia secreta que é cada projecção de alguma forma se torna possível o crescimento desse círculo e estabelecer um laço breve, intenso e anónimo com um grande número de pessoas, de idades, sexos, nacionalidades, classes e ideologias diferentes. Isto tem a ver com a promiscuidade, com o erotismo. Filmar permite-me saciar uma necessidade de encontrar e responder aqueles que dificilmente poderia encontrar de outra maneira.” Esta alusão à promiscuidade e ao erotismo inerente ao acto de fazer e de mostrar cinema, revela bem como esta dimensão atravessa toda uma obra, em que a sexualidade e o erotismo desempenham um papel central. **Naufragio** não é uma excepção.

Na realidade a prevalência da sexualidade e do erotismo no cinema de Hermsillo tem sido e pode ser vista como uma forma de dissidência face a uma sociedade em que o erotismo está longe da respeitabilidade. O desejo e a questão sexual atravessam um filme em que o objecto de desejo aparece e desaparece como uma onda que atravessa a vida de duas mulheres, marcando-as para sempre. A mesma onda que encerra o filme, inundando o apartamento assombrado por uma espera sem fim, com os seus inevitáveis naufragos.

Joana Ascensão